CADERNOS MACAMBIRA

ISSN 2525-6580, Serrinha, Bahia - v. 11, n. especial 2, 2026. https://doi.org/10.59033/cm.v11iespecial2.2203.
Anais da I Mostra Científica ELOS - Entrelaços dos Saberes: Ciência e Ancestralidade nos Territórios do Sertão Produtivo

RELATO DE EXPERIÊNCIA / EXPERIENCE REPORT

Área temática: Território, biodiversidade e produção artesanal de produtos medicinais

OUTRO MODO DE FAZER ARTE: O COMUM, O SABER-FAZER E AS FORMAS DE VIDA PARA ALÉM DA LÓGICA DO CAPITAL EM NÊGO BISPO E NAS COCADEIRAS DE MONTE GORDO

ANOTHER WAY OF MAKING ART: THE COMMON, KNOW-HOW, AND FORMS OF LIFE BEYOND THE LOGIC OF CAPITAL IN NÊGO BISPO AND THE COCONUT SWEET MAKERS OF MONTE GORDO

Regina Sanches Xavier[1*], Deysiene Cruz Silva[2]

[1] Doutora em Filosofia pela Universidade Federal de Minas Gerais, *Campus* Belo Horizonte. *Autora correspondente: reginaxavier@uneb.br.
[2] Doutora em Difusão do Conhecimento pela Universidade Federal da Bahia.

Recebido: 04/05/2026 - **Revisado**: 28/08/2026 - **Aceito**: 31/10/2026 - **Publicado**: 30/11/2026

RESUMO: Partimos do território, entendido como lugar de pertencimento, para situar as práticas coletivas contracoloniais como experiências fundadas em um saber incorporado que articula corpo, memória e experiência coletiva. Em contraposição ao individualismo neoliberal, tal como problematizado por Nancy Fraser em "Capitalismo Canibal", a experiência coletiva se afirma como forma de resistência, sustentando modos de existência ancorados no comum, na partilha e na criação de outros mundos possíveis. Nesse horizonte, mobilizamos a noção de arte em Nêgo Bispo, a partir de "A terra dá, a terra quer", compreendendo-a como prática relacional e comunitária, atenta aos gestos e implicada em uma inteligência coletiva. Trata-se de uma pedagogia do gesto, tal como vivida pelas mulheres cocadeiras de Monte Gordo. A partir das contribuições de Suely Aldir e Licia Carvalho em "Saberes e fazeres em movimento: cocadas, difusão do conhecimento e confluências afrodiaspóricas", o artigo evidencia que a feitura da cocada ultrapassa a noção de trabalho formal na sociedade capitalista, constituindo-se como prática de conhecimento, memória e vida coletiva, ao mesmo tempo em que sustenta modos de existência contracoloniais.

Palavras-Chave: Experiência coletiva. Nêgo Bispo. Pedagogia do gesto. Saber-Fazer.

ABSTRACT: We begin from territory, understood as a place of belonging, in order to situate counter-colonial collective practices as experiences grounded in embodied knowledge that articulates body, memory, and collective experience. In contrast to neoliberal individualism, as problematized by Nancy Fraser in Cannibal Capitalism, collective experience emerges as a form of resistance, sustaining modes of existence anchored in the common, in sharing, and in the creation of other possible worlds. Within this horizon, we mobilize the notion of art in Nêgo Bispo, drawing on The Earth Gives, The Earth Wants, understanding it as a relational and communal practice, attentive to gestures and implicated in a collective intelligence. This constitutes a pedagogy of gesture, as lived by the coconut sweet makers (cocadeiras) of Monte Gordo. Drawing on the contributions of Suely Aldir and Licia Carvalho in Knowledge and Practices in Movement: Cocadas, Knowledge Diffusion and Afrodiasporic Confluences, the article demonstrates that the making of cocada exceeds the notion of formal labor within capitalist society, constituting itself as a practice of knowledge, memory, and collective life, while sustaining counter-colonial modes of existence.

Este trabalho está licenciado sob uma Licença Internacional Creative Commons Attribution-NonCommercial-ShareAlike 4.0 International

Keywords: Collective experience. Pedagogy of gesture. Knowing-doing. Nêgo Bispo.

INTRODUÇÃO

Capitalismo Canibal, de Nancy Fraser (2024), oferece um ponto de partida fundamental para compreender as múltiplas dimensões da crise do capital contemporâneo. Segundo a autora, a crise econômica instaurada pelo capitalismo corresponde também a uma crise do cuidado, da ecologia e da política (Fraser, 2024, p. 16), configurando-se como expressão das consequências do neoliberalismo catastrófico. Nesse cenário, o capitalismo canibal opera por meio da destruição de nossas capacidades coletivas, atingindo tanto a ação pública quanto a possibilidade de sustentação de formas de existência mais autênticas e de laços sociais.

Diante desse quadro, Fraser aponta para a urgência de reinventar a relação entre "produção e reprodução, poder público e privado, sociedade humana e natureza não humana" (Fraser, 2024, p. 18), indicando a necessidade de reconfiguração das bases que organizam a vida social. Tal proposição sinaliza não apenas a crítica ao sistema capitalista, mas também a abertura de um campo de reflexão comprometido com a interrupção de suas formas de opressão.

Assim, parte-se da compreensão de que os efeitos do capitalismo canibal atravessam, de maneira estrutural e interdependente, as dimensões de gênero, raça, ecologia e poder político, evidenciando que sua crise não é localizada, mas sistêmica. Trata-se de um modo de organização social que não apenas explora o trabalho, mas também esgota as condições que sustentam a vida, corroendo vínculos sociais, territórios e formas coletivas de existência. Nesse sentido, torna-se necessário pensar processos de reconstrução capazes de manter acesa a possibilidade de outros horizontes de existência, que escapem às lógicas predatórias do capital.

Essa perspectiva implica tensionar a formulação clássica apresentada por Marx em O Capital (2013), na qual o capitalismo é definido pela propriedade dos meios de produção e pela consequente divisão de classes entre proprietários e

produtores. Embora tal definição permaneça fundamental para a compreensão das dinâmicas de exploração econômica, o contexto contemporâneo exige ampliar esse entendimento, incorporando as múltiplas formas de expropriação que atravessam o cuidado, a natureza e as relações sociais.

Desse modo, a crítica ao capitalismo canibal não se limita à esfera produtiva, mas se estende às condições mais amplas de reprodução da vida, apontando para a urgência de imaginar e construir outras formas de existência coletivas. O capital opera por meio de uma dinâmica de reificação que converte sujeitos em objetos, reduzindo a existência humana à lógica do mercado.

Nesse contexto, a vida é atravessada por um processo profundo de mercantilização, no qual o consumismo se consolida como princípio organizador das relações sociais, enquanto a acumulação se sustenta na exploração contínua. Conforme argumenta Nancy Fraser, essa racionalidade instrumental estende-se à natureza, evidenciando o desprezo estrutural do capital pelo planeta. Tal lógica se manifesta, por exemplo, na expulsão de populações de seus territórios de vida, convertidos em espaços de exploração econômica, o que explicita o caráter histórico e sistêmico da crise em curso.

Para Fraser, trata-se de uma crise multifacetada, que ultrapassa o âmbito ecológico e atinge simultaneamente as esferas econômica, social, política e sanitária: “uma crise da ecologia sem dúvida, mas também da economia, da sociedade, da política e da saúde pública – ou seja, uma crise geral cujos efeitos se espalham em metástase por todos os lados, abalando a confiança nas visões de mundo estabelecidas e nas elites dominantes [...]” (Fraser, 2024, p. 123).

Torna-se urgente afirmar outros modos de vida, ancorados em um saber-fazer que resista à lógica destrutiva do capital. Nessa direção, Suely Rolnik, em Esferas da insurreição: notas para uma vida não cafetinada (2018), evidencia que os efeitos do neoliberalismo se expandem e se intensificam, corroendo a vida cotidiana e desarticulando seus processos coletivos. Tal cenário, segundo a autora, exige a produção de outras cartografias (Rolnik, 2018, p. 30), capazes de reinscrever a

Cadernos Macambira - ISSN 2525-6580, Serrinha, Bahia - v.11, n. especial 2, p. e011062203, 2026.
https://doi.org/10.59033/cm.v11iespecial.2203 - Anais da I Mostra Científica ELOS - Entrelaços dos Saberes: Ciência e Ancestralidade nos Territórios do Sertão Produtivo

existência em bases não capturadas pelo regime capitalístico. Desse modo, o horizonte proposto por Rolnik aponta para a construção coletiva como forma de contraposição ao capital, convocando a criação de práticas que reativem a potência do comum e reinventem os modos de viver. Tal proposição ganha densidade quando se compreende que o próprio capital captura e instrumentaliza as forças criativas e cooperativas que emergem da vida, convertendo-as em motor de sua expansão. Conforme a autora:

> A força vital de criação e cooperação é assim canalizada pelo regime para que construa um mundo segundo seus desígnios. Em outras palavras, em sua nova versão é a própria pulsão de criação individual e coletiva de novas formas de existência, suas funções, seus códigos e suas representações que o capital explora, fazendo dela seu motor. Disso decorre que a fornte da qual o regime extrai sua força não pe mais apenas econômica, mas também intrínseca e indissociavelmente cultural e subjetiva – para não dizer ontológica –, o que lhe confere um poder perverso mais amplo, mais sutil e mais difícil de combater (Rolnik, 2018, p. 33).

A partir dessa leitura, pensar a resistência hoje implica deslocar o foco: não se trata apenas de enfrentar o capital em suas formas clássicas, mas de compreender como ele captura a própria vida e, sobretudo, como essa captura pode ser interrompida. Em diálogo com Antonio Negri e Michael Hardt, Rolnik aponta que resistir exige um movimento de reapropriação coletiva dessa força vital, recolocando-a a serviço da construção do comum.

Nesse sentido, ela define “o comum como o campo imanente da pulsão vital de um corpo social quando em suas mãos, de modo a direcioná-la à criação de modos de existência [...]” (Rolnik, 2018, p. 34). Assim, a potência vital não pertence ao regime que a captura, mas àqueles que a produzem, aos corpos que vivem, trabalham e criam. É a partir dessa potência que se torna possível, por meio de uma vontade coletiva, restaurar uma ética da existência orientada para a construção do comum. Por isso, como insiste a autora, não basta resistir ao regime colonial-capitalístico; é necessário também agir no sentido de “reapropriar-se da força de criação e cooperação – ou seja, atuar micropoliticamente [...]” (Rolnik, 2018, p. 35).

Cadernos Macambira - ISSN 2525-6580, Serrinha, Bahia - v.11, n. especial 2, p. e011062203, 2026.
https://doi.org/10.59033/cm.v11iespecial.2203 - Anais da I Mostra Científica ELOS - Entrelaços dos Saberes: Ciência e Ancestralidade nos Territórios do Sertão Produtivo

Dessa forma, ao defender a reapropriação micropolítica da força de criação e cooperação, Rolnik aponta para a necessidade de reativar, no cotidiano, modos de vida que escapem à lógica de captura do capitalismo, evidenciando que a transformação não se dá apenas no plano macroestrutural, mas também nas práticas sensíveis e relacionais que atravessam os sujeitos. Essa perspectiva encontra ressonância no pensamento de Paulo Freire, para quem a existência humana é inseparável da produção de cultura, de sentido e de história, como expressa ao afirmar:

> Estar no mundo sem fazer história, sem por ela ser feito, sem fazer cultura, sem 'tratar' sua própria presença no mundo, sem sonhar, sem cantar, sem musicar, sem pintar, sem cuidar da terra, das águas, sem usar as mãos, sem esculpir, sem filosofar, sem pontos de vista sobre o mundo, sem fazer ciência, ou teologia, sem assombro em face do mistério, sem aprender, sem ensinar, sem ideias de formação, sem politizar não é possível" (Freire, 2024, p. 57).

Dessa forma, o que em Rolnik aparece como potência vital, em Freire afirma como condição mesma do existir, evidenciando que a criação é constitutiva da vida humana e não um atributo secundário. Diante disso, torna-se fundamental retomar e fortalecer uma inteligência coletiva enraizada nos territórios, nos corpos e nas memórias, capaz de sustentar práticas econômicas e sociais que não apenas resistam às formas de dominação do capitalismo contemporâneo, mas que afirmem, no presente, outras formas de vida possíveis frente à lógica do capitalismo canibal.

ARTE ENQUANTO EXPERIÊNCIA COLETIVA

Nêgo Bispo em A terra dá, a terra quer (2023), afirma o território como condição de possibilidade da contracolonização, deslocando o eixo da vida para além das lógicas impostas pela colonialidade e pelo capital. Trata-se de uma compreensão na qual o viver não se submete à forma-mercadoria, mas se enraíza em relações de reciprocidade, continuidade e pertencimento. Como enuncia o mestre, "na cidade grande [...] só tem valor o que vira mercadoria" (BISPO, 2023, p.

Cadernos Macambira - ISSN 2525-6580, Serrinha, Bahia - v.11, n. especial 2, p. e011062203, 2026.
https://doi.org/10.59033/cm.v11iespecial.2203 - Anais da I Mostra Científica ELOS - Entrelaços dos Saberes: Ciência e Ancestralidade nos Territórios do Sertão Produtivo

25), evidenciando a violência de um regime que captura os saberes e os modos de existência.

Em contraposição, ao afirmar que “A arte é conversa das almas porque vai do indivíduo para o comunitarismo, pois ela é compartilhada” (BISPO, 2023, p. 23), Bispo reinscreve os fazeres no campo do comum, onde a criação não se separa da vida, mas se realiza como prática coletiva, circulação de saberes e afirmação de mundos outros.

Nessa formulação, Nêgo Bispo desloca a arte de uma concepção individualizada e estetizante, situando-a como prática relacional, enraizada no comum e constituída na partilha. A arte, assim, não se separa da vida, mas se realiza no interior das experiências coletivas, atravessando os modos de existir, produzir e sustentar o mundo.

É a partir dessa compreensão que o mestre apresenta, desde uma perspectiva contracolonial, outros modos de viver e de se alimentar, ancorados em práticas coletivas e em vínculos vivos com o território. Nos quilombos, por exemplo, os saberes de África foram, e permanecem sendo, fundamentais para tensionar e enfrentar a racionalidade eurocristã ocidental.

Nesse contexto da arte, os modos alimentares não se reduzem à subsistência, mas se entrelaçam com a vida coletiva, a celebração e a memória. Como destaca Bispo, “quando os modos alimentares se desconectam e se deslocam das festas, eles se enfraquecem” (Bispo, 2023, p. 44). Desse modo, evidencia-se um modo de ser/estar no mundo que se constitui a partir da memória e do corpo-presença, compreendido como experiência viva e situada.

Para Bispo, torna-se necessário produzir desde um saber orgânico, orientado pela vida em comunidade e pelos vínculos que sustentam a continuidade das existências coletivas. Há, ainda, uma sabedoria cosmológica que atravessa o ciclo da natureza e se contrapõe ao ciclo mercadológico, no qual os saberes são convertidos em mercadorias. Como afirma o mestre, os povos quilombolas são povos da circularidade: começo, meio e começo.

Cadernos Macambira - ISSN 2525-6580, Serrinha, Bahia - v.11, n. especial 2, p. e011062203, 2026.
https://doi.org/10.59033/cm.v11iespecial.2203 - Anais da I Mostra Científica ELOS - Entrelaços dos Saberes: Ciência e Ancestralidade nos Territórios do Sertão Produtivo

É a partir dessa noção de circularidade que trazemos as “Cocadeiras de Monte Gordo” como expressão de uma organização produtiva que atravessa gerações e se sustenta na continuidade dos saberes e fazeres coletivos. Nessa perspectiva, a própria ideia de geração se afasta de uma lógica linear e se inscreve em um movimento contínuo de retorno e renovação, como afirma Nêgo Bispo: “a geração avó é o começo, a geração mãe é o meio e a geração neta é o começo de novo” (Bispo, 2023, p. 102).

Trata-se, portanto, de um modo de existência no qual o tempo se organiza pela circularidade, reafirmando vínculos, memórias e práticas que escapam às rupturas impostas pela racionalidade capitalística. Nesse sentido, essa experiência afirma um modo de produção e de vida que não se reduz à lógica mercadológica, mas se ancora na memória, na coletividade e na relação com a terra, configurando-se como uma prática artística enraizada no saber-fazer. Trata-se de uma arte que não se institui como esfera separada da vida social, mas que emerge do próprio fazer, na repetição dos gestos, na transmissão intergeracional e na partilha dos conhecimentos.

Em diálogo com Nêgo Bispo, pode-se compreender essa prática como expressão de uma estética do comum, na qual criar, produzir e viver constituem dimensões indissociáveis. Assim, o saber-fazer das cocadeiras não apenas produz bens, mas engendra formas de existência, inscrevendo-se como arte viva que resiste à captura pela forma-mercadoria e afirma outras racionalidades possíveis.

Trata-se de pensar/realizar uma dinâmica circular em que o trabalho não se separa da vida, nem os saberes se transformam em mercadoria, mas se renovam continuamente como prática coletiva, tensionando a forma-mercadoria que estrutura o capitalismo.

A cocada é das mulheres cocadeiras de Monte Gordo representam uma prática de resistência e criação, onde gestos, narrativas, nos mostra uma inteligência sensível que ensina e sustenta ao mesmo tempo. Nesse sentido, como aponta Suely Aldir Messeder, se revela como saber intergeracional, operando em uma lógica

Cadernos Macambira - ISSN 2525-6580, Serrinha, Bahia - v.11, n. especial 2, p. e011062203, 2026.
https://doi.org/10.59033/cm.v11iespecial.2203 - Anais da I Mostra Científica ELOS - Entrelaços dos Saberes: Ciência e Ancestralidade nos Territórios do Sertão Produtivo

própria. É, segundo Suely Aldir, “uma estrutura feita de escuta, adaptação e astúcia, moldada pela oralidade, pela urgência e pela insistência em seguir” (Messeder, 2025, p. 21).

Existe, para Suely, “uma travessia entre o aprender fazendo e o ensinar convivendo. O que se produz em Monte Gordo não é apenas um doce: é uma maneira de saber, de sustentar e de resistir” (Messeder, 2025, p. 21). É durante a feitura da cocada que adentramos numa ética e estética do trabalho ancorada no corpo que transcende a ideia de uma economia informal. Há uma coletividade que adentra a vivência de cada uma dessas mulheres em sua relação, segundo Suely, com a escolaridade, o mundo do trabalho, a maternidade e os desejos de futuro.

Se, por exemplo, dentro do capitalismo canibal, a reprodução social é uma “precondição indispensável para a produção econômica em uma sociedade capitalista” (Fraser, 2024, p. 93), dentro dessa lógica ela é o fio condutor entre gerações, capaz de revelar, segundo Suely, a transmissão do saber em contextos nos quais a escola e o Estado pouco ou nada garantem (Messeder, 2025, p. 22). O trabalho para as cocadeiras realizam é expressão e identidade na medida em que a vida as mulheres, sobretudo, mulheres negras, se inscrevem em uma outra lógica de produção, uma inscrição coletiva de viver e produzir. Segundo Suely, temos, nas cocadeiras:

> trajetórias singulares [...] com idades distintas, inserções diversas no mundo do trabalho e diferentes vínculos com a escolaridade formal, mas atravessadas por eixos comuns que desenham o contorno de um saber-fazer tradicional, compartilhando e reatualizando diariamente (Suely, 2025, p. 22).

Diante do exposto, evidencia-se que a experiência das cocadeiras de Monte Gordo não pode ser apreendida a partir das categorias clássicas da economia política, uma vez que seu modo de produção não se orienta pela lógica da acumulação, tampouco pela centralidade da forma-mercadoria. Ao contrário, trata-se de uma prática situada que articula trabalho, território e memória em uma dinâmica relacional, na qual os processos de produção e reprodução da vida se entrelaçam de maneira indissociável.

Cadernos Macambira - ISSN 2525-6580, Serrinha, Bahia - v.11, n. especial 2, p. e011062203, 2026.
https://doi.org/10.59033/cm.v11iespecial.2203 - Anais da I Mostra Científica ELOS - Entrelaços dos Saberes: Ciência e Ancestralidade nos Territórios do Sertão Produtivo

Nesse sentido, ao tensionar a racionalidade do capitalismo contemporâneo, compreendido, nos termos de Nancy Fraser, como um regime canibal que expropria simultaneamente trabalho, natureza e vínculos sociais, as cocadeiras evidenciam a existência de formas de organização que escapam, ainda que parcialmente, aos dispositivos de captura do capital. Não se trata, portanto, de idealizar tais práticas, mas de reconhecê-las como campos concretos de produção de outras racionalidades, nas quais o valor se ancora na continuidade da vida e na sustentação do comum.

A partir da perspectiva contracolonial formulada por Nêgo Bispo, é possível compreender essa experiência como expressão de uma cosmologia que desloca os fundamentos epistemológicos da modernidade/colonialidade/capital. A noção de circularidade, central em sua obra, permite romper com a temporalidade linear e progressiva do capital, afirmando uma dinâmica em que começo, meio e recomeço se entrelaçam. Tal concepção não apenas reorganiza a compreensão do tempo, mas também reconfigura as relações entre geração, trabalho e transmissão de saberes, evidenciando que o conhecimento não se acumula, mas se renova no fluxo da vida coletiva.

Ademais, em diálogo com Suely Rolnik, pode-se afirmar que o saber-fazer das cocadeiras constitui uma prática de reapropriação da força vital, na medida em que não se deixa integralmente capturar pelos mecanismos de exploração do regime neoliberal. Ao operar no âmbito do cotidiano, essa prática instaura uma micropolítica que se realiza nos corpos, nos gestos e nas relações, produzindo modos de existência que resistem à subjetivação capitalística. Trata-se, portanto, de uma produção do comum que não se reduz a uma categoria abstrata, mas se efetiva como experiência vivida.

Nesse horizonte, a arte, longe de se constituir como um campo autônomo ou institucionalizado, emerge como dimensão constitutiva da experiência coletiva do saber-fazer. Ela se manifesta na materialidade dos gestos, na oralidade, na partilha

Cadernos Macambira - ISSN 2525-6580, Serrinha, Bahia - v.11, n. especial 2, p. e011062203, 2026.
https://doi.org/10.59033/cm.v11iespecial.2203 - Anais da I Mostra Científica ELOS - Entrelaços dos Saberes: Ciência e Ancestralidade nos Territórios do Sertão Produtivo

e na transmissão intergeracional, configurando-se como uma forma de conhecimento encarnado.

Tal compreensão permite deslocar a arte do domínio da representação para o campo da prática, reconhecendo-a como elemento estruturante de modos de vida que escapam à lógica da mercantilização. Assim, ao situar as cocadeiras de Monte Gordo como produtoras de saber, este trabalho contribui para a ampliação do campo pedagógico, ao reconhecer a existência de epistemologias outras, enraizadas nos territórios e nas experiências coletivas. Trata-se de afirmar que há produção de pensamento para além dos circuitos hegemônicos de validação do conhecimento, o que implica, necessariamente, tensionar os critérios que historicamente definiram o que é considerado saber legítimo.

Por fim, frente à crise estrutural do capitalismo contemporâneo, torna-se imprescindível deslocar o eixo da reflexão: não se trata apenas de diagnosticar as formas de dominação, mas de identificar, nos territórios e nas práticas coletivas, os fundamentos concretos de sustentação de outras formas de existência. Nesse sentido, experiências como a das cocadeiras de Monte Gordo não apenas resistem, mas afirmam, no presente, a possibilidade de outros mundos, não como projeção utópica, mas como realidade em curso.

METODOLOGIA

Este estudo adota uma abordagem qualitativa de caráter teórico-empírico, orientada por uma perspectiva contracolonial que tensiona os referenciais hegemônicos de produção do conhecimento. Parte-se do entendimento de que a arte do saber-fazer não se constitui como campo autônomo ou separado da vida social, mas como dimensão imanente do território contracolonial, produzida nas práticas cotidianas, nos territórios e nas relações.

O percurso metodológico articula revisão bibliográfica e aproximação situada com a experiência das cocadeiras de Monte Gordo. No plano teórico, mobilizam-se as contribuições de Nancy Fraser, Suely Rolnik e Nêgo Bispo, cujas formulações

Cadernos Macambira - ISSN 2525-6580, Serrinha, Bahia - v.11, n. especial 2, p. e011062203, 2026.
https://doi.org/10.59033/cm.v11iespecial.2203 - Anais da I Mostra Científica ELOS - Entrelaços dos Saberes: Ciência e Ancestralidade nos Territórios do Sertão Produtivo

permitem problematizar a lógica do capitalismo contemporâneo e sustentar a compreensão da arte do saber-fazer como prática relacional, vinculada ao comum, ao território e à reapropriação da força vital.

No plano empírico, a pesquisa se orienta por uma escuta situada e por uma aproximação implicada com o território, compreendendo o saber-fazer das cocadeiras como prática simultaneamente produtiva, estética e política. Inspirada na noção de cartografia, privilegia-se o acompanhamento de processos, atentando para a dimensão encarnada, intergeracional e coletiva da arte enquanto experiência. A análise se constrói a partir do entrelaçamento entre teoria e experiência, sem a imposição de categorias prévias, buscando apreender as lógicas próprias que organizam essas práticas. Desse modo, a metodologia afirma a arte como forma de conhecimento situada, contribuindo para o reconhecimento de epistemologias enraizadas no território.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados desta pesquisa evidenciam que a experiência das cocadeiras de Monte Gordo constitui um modo de produção e de vida que não se organiza a partir da lógica da acumulação, mas da continuidade das relações que sustentam a existência coletiva. Tal constatação permite afirmar que o saber-fazer dessas mulheres não se reduz a uma atividade econômica, mas se configura como prática relacional, enraizada no território, na memória e na transmissão intergeracional.

Nesse contexto, a produção da cocada emerge como expressão de uma racionalidade outra, na qual trabalho, vida e arte não se dissociam. Diferentemente da lógica capitalista, que separa produção, cultura e reprodução social, o fazer das cocadeiras articula essas dimensões de forma indissociável, evidenciando que a arte pode ser compreendida como dimensão constitutiva da vida cotidiana. Trata-se de uma arte encarnada, que se realiza nos gestos, na oralidade, na partilha e na repetição, configurando-se como experiência coletiva do saber-fazer.

Cadernos Macambira - ISSN 2525-6580, Serrinha, Bahia - v.11, n. especial 2, p. e011062203, 2026.
https://doi.org/10.59033/cm.v11iespecial.2203 - Anais da I Mostra Científica ELOS - Entrelaços dos Saberes: Ciência e Ancestralidade nos Territórios do Sertão Produtivo

Em diálogo com Nêgo Bispo, observa-se que essa prática se inscreve em uma lógica de circularidade, na qual o tempo não se organiza de maneira linear, mas como continuidade entre gerações. A transmissão do saber não ocorre por meio de formalizações abstratas, mas pela convivência, pela escuta e pelo fazer compartilhado. Nesse sentido, o conhecimento não se acumula, mas se renova continuamente no fluxo da vida coletiva, reafirmando o território como condição de possibilidade da produção de saber.

Ao mesmo tempo, os resultados indicam que essa experiência tensiona diretamente a racionalidade do capitalismo contemporâneo, compreendido, nos termos de Nancy Fraser, como um regime que expropria não apenas o trabalho, mas também as condições de reprodução da vida. As cocadeiras evidenciam que há formas de organização que escapam, ainda que parcialmente, a essa lógica, ao manterem práticas baseadas na cooperação, na partilha e na sustentação do comum.

Ademais, em diálogo com Suely Rolnik, pode-se afirmar que o saber-fazer das cocadeiras opera como prática de reapropriação da força vital, na medida em que resiste à captura das dimensões criativas e afetivas da vida pelo regime capitalístico. Tal resistência não se configura como negação externa ao sistema, mas como produção cotidiana de modos de existência que afirmam outras formas de viver.

Essa pesquisa evidencia que a arte, nesse contexto, não pode ser compreendida como esfera autônoma ou institucionalizada. Ao contrário, ela se manifesta como prática imanente ao fazer, constituindo-se como forma de conhecimento situada. A cocada, nesse sentido, não é apenas um produto, mas a materialização de um conjunto de saberes, relações e temporalidades que expressam uma estética do comum.

Por fim, a análise permite afirmar que as cocadeiras de Monte Gordo produzem não apenas bens, mas modos de existência que desafiam os limites impostos pela racionalidade mercadológica. Ao inscreverem seus saberes no

Cadernos Macambira - ISSN 2525-6580, Serrinha, Bahia - v.11, n. especial 2, p. e011062203, 2026.
https://doi.org/10.59033/cm.v11iespecial.2203 - Anais da I Mostra Científica ELOS - Entrelaços dos Saberes: Ciência e Ancestralidade nos Territórios do Sertão Produtivo

território e na coletividade, essas mulheres afirmam epistemologias outras, contribuindo para a construção do comum. Desse modo, seus fazeres não apenas resistem, mas instauram, no presente, possibilidades concretas de outros mundos, nos quais arte do saber-fazer, vida e produção não se encontram dissociadas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho buscou evidenciar que a experiência das cocadeiras de Monte Gordo não pode ser compreendida a partir das categorias tradicionais da economia política, uma vez que seu modo de produzir e viver não se orienta pela lógica da acumulação, mas pela sustentação da vida em sua dimensão coletiva.

Ao longo da reflexão, tornou-se possível afirmar que o saber-fazer dessas mulheres se constitui como prática simultaneamente produtiva, estética e política, enraizada no território, na memória e na transmissão intergeracional. A partir do diálogo com Nancy Fraser, Suely Rolnik e Nêgo Bispo, evidenciou-se que o capitalismo contemporâneo, ao operar pela expropriação das condições de reprodução da vida, tende a capturar não apenas o trabalho, mas também as dimensões afetivas, culturais e territoriais da existência. Nesse cenário, práticas como a das cocadeiras revelam fissuras nessa lógica, ao afirmarem modos de organização baseados na cooperação, na partilha e na continuidade dos vínculos coletivos.

Nesse horizonte, a arte foi compreendida não como um campo autônomo ou especializado, mas como dimensão constitutiva do saber-fazer. Ao se manifestar nos gestos, na oralidade, na convivência e na transmissão dos saberes, a arte se apresenta como experiência encarnada, inseparável da vida e das relações que a sustentam. Tal compreensão permite deslocar a arte do domínio da representação para o campo da prática, reconhecendo-a como forma de conhecimento situada e como elemento estruturante de modos de existência que escapam à lógica da mercantilização.

Cadernos Macambira - ISSN 2525-6580, Serrinha, Bahia - v.11, n. especial 2, p. e011062203, 2026.
https://doi.org/10.59033/cm.v11iespecial.2203 - Anais da I Mostra Científica ELOS - Entrelaços dos Saberes: Ciência e Ancestralidade nos Territórios do Sertão Produtivo

Ademais, a noção de circularidade, tal como formulada por Nêgo Bispo, possibilitou tensionar a temporalidade linear do capital, evidenciando que os processos de produção e transmissão do saber se dão em uma dinâmica contínua de renovação. Nesse sentido, o conhecimento não se acumula, mas se atualiza na experiência coletiva, reafirmando o território como condição de possibilidade para a emergência de outras racionalidades.

Por fim, este estudo aponta para a necessidade de ampliar os horizontes epistemológicos do campo filosófico e pedagógico, reconhecendo a legitimidade de saberes produzidos fora dos circuitos hegemônicos. As cocadeiras de Monte Gordo, ao articularem trabalho, arte e vida, não apenas resistem às formas de captura do capital, mas afirmam, no presente, outras formas de existência possíveis. Assim, as Cocadeiras de Monte Gordo afirmam-se como sujeitos produtores de pensamento, deslocando os limites do que historicamente foi reconhecido como conhecimento e reinscrevendo o saber no campo da vida, da experiência e do comum. Ao tensionarem a lógica que separa quem faz de quem pensa, evidenciam que o saber-fazer é também elaboração de mundo, memória e continuidade. Desse modo, este trabalho aponta para a necessidade de reconhecer e fortalecer essas práticas como formas legítimas de produção de conhecimento, capazes de sustentar modos de existência que não se submetem à mercantilização da vida, mas que afirmam, no presente, outras possibilidades de viver, produzir e partilhar.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **A invenção do Nordeste e Outras artes**. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2011. 376 p.

BISPO, Antônio. **A terra dá, a terra quer**. São Paulo: Ubu Editora, 2023. 112 p.

CÉSAIRE, Aimé. **Discurso sobre o colonialismo.** São Paulo: Veneta, 2020. 136 p.

FRASER, Nancy. **Capitalismo canibal**: como nosso sistema está devorando a democracia, o cuidado e o planeta e o que podemos fazer a respeito disso. São Paulo: Autonomia Literária, 2024. 260 p.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 2024. 144 p.

hooks, bell. **Ensinando a transgredir:** a educação como prática da liberdade. São Paulo: Martins Fontes, 2017. 283 p.

MARX, Karl. **O Capital: crítica da economia política.** Livro I: O processo de produção do capital. Tradução de Rubens Enderle. São Paulo: Boitempo, 2013. 912 p.

MESSEDER, Suely Aldir; MAGALHÃES, Licia de Carvalho (org.). **Saberes e fazeres em movimento**: cocadas, difusão do conhecimento e confluências afrodiaspóricas. Salvador: Segundo Selo, 2025. Disponível em: https://editorasegundoselo.com.br/wp-content/uploads/2025/10/SABERES-E-FAZERES-EM-MOVIMENTO-cocadas-difusao-do-conhecimento-e-confluencias-afrodiasporicas-FINAL-1_compressed-1.pdf . Acesso em: 2 maio 2026. 272 p.

ROLNIK, Suely. **Esferas da insurreição**: notas para uma vida não cafetinada. São Paulo: n-1 edições, 2018. 208 p.